NOTAS ESTATÍSTICAS

Embora as previsões da produção mundial de açúcar para este ano anunciem a elevada cifra de 86,1 milhões de t - um acréscimo de 4 milhões de t em relação à produção do ano passado - as estimativas do consumo mundial não revelam um incremento equivalente. Agravando este quadro, os países produtores apresentam excedentes exportáveis significativos: a Índia dispõe de um excedente de 1,9 milhão de t, em contraposição às 825 mil t a serem exportadas com base no novo Acordo; o saldo exportável na CEE é de 3 milhões de t, sob o compromisso de corte de subsídio de exportação e redução dos estoques exportáveis - inclusive 1,3 milhão de t procedentes de países do Grupo África, Pacífico e Caribe (APC). Finalmente, na reunião do Acordo Internacional do Açúcar em Genebra não se chegou, ainda, a um consenso sobre as medidas necessárias à alteração deste panorama.

O novo Acordo, se ratificado, passará a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1978 com duração de cinco anos, na faixa de 11 a 21 US cents/libra-peso, tendo como instrumentos reguladores de mercado um sistema de quotas por países e estoques reguladores de 2,5 milhões de t.

A abstenção da CEE - que assumiu algumas obrigações paralelas, mas tecnicamente não se tornou membro do Acordo - associada à existência de elevados volumes exportáveis nos países produtores, forçará os signatários do Acordo a venderem o máximo possível no mercado livre antes da vigência do ato. Isto deverá se traduzir, a curto prazo, em tendência à baixa dos preços atualmente praticados (6,85 US cents/libra-peso, preço de 21/10, o menor dos últimos quatro anos).

Cabe, então, investigar as possibilidades de ex

pansão das fronteiras de consumo para o produto brasileiro. Do ponto de vista do mercado interno, o açúcar teve seu preço subsidiado tornando-o amplamente acessível às diferentes classes sociais. O consumo per capita é bastante elevado no país (1976: 42,75 kg per capita) e, como decorrência, não é previsível que incrementos de renda sejam acompanhados por acréscimos no consumo do produto (a elasticidade renda do açúcar no Brasil é de 0,09).

Os países desenvolvidos, por outro lado, representam pouca alternativa de incremento de exportações para o Brasil, uma vez que já apresentam elevadas taxas de consumo per capita de açúcar, associadas a uma elasticidade-renda do produto inferior a unidade, isto é, aumentos de renda não se traduzem em acréscimos proporcionais no consumo do produto (e_r = 0,39 para o Japão; e_r = 0,31 para a CEE; e_r = 0,10 para os EUA).

Segundo os dietistas, 40 a 50 kg de açúcar per capita/ano é uma quantidade razoável para consumo anual de populações bem alimentadas por outras fontes de energia. Nos EUA, há alguns anos, o consumo oscila em torno de 45 kg per capita (ver Tabela 17.C) e na CEE, URSS, Checoslováquia, o consumo em 1974 foi também da ordem de 45 kg per capita.

A partir de 1973, com a valorização do produto nos mercados internacionais (Tabela 17.D), a demanda de açúcar estimulou a sua produção através de matérias-primas sucedâneas, principalmente xarope de milho. Nos EUA, a produção de xarope com alto teor de frutose teve início em 1971, tendo seu preço médio alcançado cotação sempre inferior à do açúcar: 75% do preço do açúcar refinado em 1976 e 86% para dextrose em relação ao açúcar, no mesmo ano (Tabela 17.E). Apesar de haver uma tendência ao deslocamento do consumo nos EUA em favor dos substitutos da sacarose, as disposições assumidas recentemente pela Comissão do Comércio Internacional têm o objetivo de conter a evolução da produção de açúcar derivado do milho. Is

to restringe os problemas que adviriam da maior concorrência dos substitutos de açúcar de cana nos EUA, pois a Comissão parece ter fixado um divisor de águas, em que o consumo de adoçantes de derivados de milho e outros não calóricos se estabilize em sua atual faixa (ver Tabela 17.C).

Outra peculiaridade do açúcar no mercado mundial decorre do impacto de, até mesmo, pequenos incrementos de produção: estes, quando associados a razoáveis níveis de estoques, provocam quedas significativas no preço do açúcar (Tabela 17.F e Tabela 17.D). Essas variações de produção têm ocorrido sempre, embora não fossem acompanhadas por alterações significativas no volume exportado no período 64-74, salvo quando se leva em consideração a procedência do produto por países produtores (Tabela 17.G).

Resta, portanto, como alternativa para expansão do mercado açucareiro, o próprio Terceiro Mundo, que tem seu consumo per capita situado em torno de 10 kg/ano. Os acréscimos de produção poderão ser absorvidos desde que o perfil da renda dos subdesenvolvidos sofra alterações, permitindo o acesso ao consumo a uma parte da população atualmente marginalizada da economia de mercado. De qualquer modo, esta seria uma meta de longo prazo. A melhoria do poder aquisitivo de populações pobres permitiria a expansão do mercado consumidor em muitos países e, com isto, o redimensionamento do setor produtivo açucareiro.

Entre os países de grande potencial de consumo nas próximas décadas, podem-se citar a Indonésia, com uma população de 136 milhões de habitantes em 1974 e consumo médio de apenas 8,2 kg de açúcar; Bangladesh, com 66 milhões de habitantes e consumo de 1,3 kg per capita; Índia, com 598 milhões de habitantes e consumo médio de 6,5 kg, apesar de ser país produtor; China, mercado de grande potencial, com 839 milhões de habitantes e consumo de 4,8 kg per capita. E, sem dúvida, figuram como um mercado de grande demanda po-

tencial os países produtores de petróleo do Oriente Médio, onde, em 1974, registraram-se os seguintes níveis de consumo per capita de açúcar: 27,5 kg no Irã, 37,0 kg no Iraque, 30,9 kg na Síria e 20,3 kg na Argélia; todos eles, portanto, demonstrando a viabilidade de incrementos substanciais no consumo já nos próximos anos.

Entretanto, não se configurando fatores que desloquem positivamente a renda dos consumidores do Terceiro Mundo, bem como uma agilização da nossa comercialização nos países de consumo potencial, teremos repetidas por mais vezes a situação de excesso do produto.

Tabela 17.C

EUA: CONSUMO PER CAPITA DE ADOÇANTES CALÓRICOS E NÃO CALÓRICOS

(kg)

ANO	AÇÚCAR REFINADO Cana e Beterraba	ADOÇANTES DERIVADOS DO MILHO Xarope Dextrose	BAIXA CALORIA Mel Comestível	NÃO CALÓRICOS Sacarina Ciclamato
1960	44,27	5,3	0,9	0,9
1961	44,36	5,4	0,8	1,1
1962	44,14	5,8	0,9	1,3
1963	43,86	6,4	0,8	1,7
1964	43,86	6,8	0,7	2,2
1965	43,91	6,8	0,8	2,6
1966	44,09	6,9	0,7	2,9
1967	44,59	7,3	0,6	3,1
1968	44,91	7,7	0,7	3,3
1969	45,67	8,0	0,6	3,1
1970*	46,22	8,4	0,6	2,8
1971	46,44	9,1	0,6	2,6
1972	46,63	9,4	0,6	2,6
1973	46,04	10,3	0,6	2,6
1974	43,81	11,1	0,5	3,2
1975	40,91	12,4	0,5	3,2
1976	42,96	13,6	0,6	3,6

* Alimentos à base de ciclamato foram banidos efetivamente em 1970 pelo Food and Drug Administration (FDA).

Fonte: SUGAR AND SWEETNER REPORT - MAIO 77 VOL. 2 Nº 5

Elaboração: Grupo de Informação Agrícola

Tabela 17.D

PREÇOS DO AÇÚCAR DEMERARA

U.S.Cents/libra-peso

ANO	MERCADO PREFERENCIAL EUA		MERCADO LIVRE LONDRES	
	PREÇO NOMINAL	PREÇO REAL 1/	PREÇO NOMINAL	PREÇO REAL 1/
1960	6,30	11,66	3,56	5,08
1961	6,30	11,66	3,21	4,58
1962	6,45	11,94	3,20	4,56
1963	8,18	15,14	8,96	12,77
1964	6,90	12,77	6,39	9,11
1965	6,75	12,25	2,69	3,76
1966	6,99	12,25	2,23	3,01
1967	7,28	12,73	2,42	3,26
1968	7,52	12,84	2,73	3,59
1969	7,75	12,73	4,23	5,35
1970	8,07	12,79	5,01	6,12
1971	8,52	13,07	5,77	6,82
1972	9,09	13,35	7,62	8,62
1973	10,29	13,36	9,81	9,81
1974*	29,99	32,77	....	...
1975*	20,47	20,47	...	...
1976*	13,42	12,71	...	...

1/ deflator dólar: base set/76 - International Financial Statistics/FMI

Fonte: SUGAR STATISTICS RELATED DATA-USDA; *F.O. LICHTS 1975/76

Elaboração: Grupo de Informação Agrícola

Tabela 17.E

PREÇOS DO AÇÚCAR E SUBSTITUTOS

PERÍODO	AÇÚCAR REFINADO	XAROPE DE MILHO	XAROPE MILHO RELATIVO AO AÇÚCAR REFINADO 1/	DEXTROSE 1/	DEXTROSE RELATIVO AO AÇÚCAR REFINADO
	U.S. cents/libra	U.S. cents/libra	%	U.S. cents/libra	%
Média 1970-73	12,90	7,89	61	10,43	81
Média 1974	34,35	13,21	38	12,24	50
Média 1975	31,42	18,03	57	21,03	81
Média 1976	19,20	14,44	75	16,36	86

1/ Para Dextrose e Xarope de Milho, foram consideradas as cotações "Dry Basis"

Fonte: SUGAR AND SWEETENER REPORT - FEVEREIRO 77

Elaboração: Grupo de Informação Agrícola

Tabela 17.F

AÇÚCAR: PRODUÇÃO, CONSUMO E ESTOQUE FINAL NO MUNDO

Em 1000 t métricas de cru

Safra	Produção	Consumo	Estoque Final	% Estoque em relação Consumo
62/63	51,2	54,5	10,3	19,0
63/64	54,7	54,3	11,1	20,5
64/65	66,8	59,3	18,8	31,7
65/66	63,1	62,8	19,2	30,5
66/67	65,6	65,5	19,1	29,1
67/68	66,4	65,6	19,8	30,2
68/69	67,8	68,1	19,4	28,4
69/70	74,3	72,2	21,3	29,5
70/71	72,8	74,4	18,9	25,4
71/72	73,9	75,9	17,1	22,5
72/73	77,3	78,0	16,0	20,5
73/74	80,7	80,9	15,8	19,6
74/75	80,4	78,2	18,0	23,0
75/76	82,9	80,5	20,3	25,3
76/77	86,1	82,8	...	...

Fonte: F.O. LICHTS 1975/76

Elaboração: Grupo de Informação Agrícola

Tabela 17.G

VOLUME EXPORTADO DE AÇÚCAR CENTRIFUGADO

Em 1000 t métricas

Ano	Austrália	Brasil	Cuba	República Dominicana	França	Filipinas	Total Mundial
1964	1.384	279	4.603	717	727	1.279	19.304
1965	1.317	841	5.859	591	1.093	1.195	21.167
1966	1.720	1.005	4.435	548	779	1.118	19.022
1967	1.666	1.001	5.683	647	471	1.107	20.243
1968	1.624	1.026	4.613	610	718	985	20.511
1969	2.064	1.099	4.799	618	582	1.020	19.421
1970	1.389	1.126	6.906	793	900	1.237	22.064
1971	1.762	1.191	5.511	1.011	1.168	1.422	21.455
1972	2.010	2.054	4.140	1.099	1.425	1.240	21.714
1973	2.061	2.354	4.797	1.031	1.653	1.474	22.049
1974	1.787	2.303	5.491	1.001	1.203	1.542	23.057

Fonte: COMMODITY YEAR BOOK

Elaboração: Grupo de Informação Agrícola